

# Ideologia e poder: a crítica discursiva na CPI da Covid-19

*Ideology and power: discursive criticism in Covid-19 CPI*

*Ideología y poder: crítica discursiva en la CPI del Covid-19*

## RESUMO

Neste artigo analisamos excertos extraídos de notas taquigráficas de quatro reuniões da Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid-19, em junho de 2021. Para isso, buscamos subsídio teórico na Análise Crítica do Discurso, baseados em Charaudeau (2016), van Dijk (2008, 2009), Fairclough (2001, 2004, 2010), Thompson (1990) e Wodak (2004), com o objetivo de investigar estratégias discursivas de operação ideológica para manutenção de poder. Os depoimentos revelaram duas posições antagônicas: uma tendência que nega convenções científicas defendidas por universidades renomadas e agências reguladoras internacionais e outra que se colocou em favor de preceitos científicos de enfrentamento à pandemia universalmente referendados..

Palavras-chave: Análise Crítica de Discurso; ideologia; poder.



Recebido em: 4 de maio de 2023  
Aceito em: 27 de dezembro de 2023  
DOI: 10.26512/les.v25i1.48412

# CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

*Papers on Language and Society*

**Leonardo Ferreira da Silva**

[leonardohasadream@gmail.com](mailto:leonardohasadream@gmail.com)

Universidade Federal Rural de Pernambuco  
(UFRPE), Recife, PE, Brasil

**Vicentina Ramires**

[vicentinaramires@gmail.com](mailto:vicentinaramires@gmail.com)

Universidade Federal Rural de Pernambuco  
(UFRPE), Recife, PE, Brasil

# ARTIGO

## ABSTRACT

In this article, we analyze excerpts extracted from notes of four meetings of the Parliamentary Commission of Inquiry on Covid-19, in June 2021. For this, we seek theoretical support in Critical Discourse Analysis, based on Charaudeau (2016), van Dijk (2008, 2009), Fairclough (2001, 2004, 2010), Thompson (1990) and Wodak (2004), with the aim of investigating discursive strategies of ideological operation to maintain power. The testimonies revealed two antagonistic positions: a tendency that denies scientific conventions defended by renowned universities and international regulatory agencies, and another that was in favor of universally endorsed scientific precepts to face the pandemic.

Keywords: Aqui devem aparecer de duas a seis palavras-chave, separadas entre si por ponto e vírgula (;) e finalizadas por ponto. Usar a letra inicial minúscula, com exceção para os nomes próprios. Conforme ABNT 6023:2021.

## RESUMEN

En este artículo analizamos extractos de notas taquigráficas de cuatro reuniones de la Comisión Parlamentaria de Investigación de Covid-19, en 2021. Para ello, buscamos apoyo teórico en el Análisis Crítico del Discurso, basados en Charaudeau (2016), van Dijk (2008, 2009), Fairclough (2001, 2004, 2010), Thompson (1990) y Wodak (2004), con el objetivo de investigar estrategias discursivas de funcionamiento ideológico para mantener el poder. Los resultados mostraron dos posiciones antagónicas: una tendencia que niega las convenciones científicas defendidas por reconocidas universidades y organismos reguladores internacionales y un bloque a favor de preceptos científicos universalmente patentados para hacer frente a la pandemia.

Palabras clave: Análisis crítico del discurso; ideología; poder.

### Como citar:

SILVA, Leonardo Ferreira da; RAMIRES, Vicentina. Ideologia e poder: a crítica discursiva na CPI da Covid-19. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 83-102, jan./jun. 2024. Disponível em: . Acesso em: XXX.

### Correspondência:

Nome por extenso do autor principal  
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

### Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).



## INTRODUÇÃO

Por ocasião do populismo extremista de direita que emergiu, principalmente, na Europa e nos Estados Unidos da América nos últimos anos, foram observados posicionamentos negacionistas, disseminação de *fake news* e a implementação de uma cultura de medo e de ódio. Diante desse panorama, essas posturas passaram a compor as decisões de uma nova era política global, que se utiliza de forte influência ideológica para a manutenção do poder.

No caso do Brasil, a continuidade desse cenário se dá quando assume o poder, em 2019, Jair M. Bolsonaro, um governo de extrema-direita, que adota a mesma feição discursivo-ideológica negacionista e, incessantemente, ataca os direitos humanos.

Por isso mesmo, excepcionalmente, no período inicial da pandemia de Covid-19<sup>1</sup>, os brasileiros vivenciaram um preocupante cenário político-ideológico polarizado em duas posturas discursivas bem definidas. Por um lado, exacerbou-se um bloco formado, em sua maioria, por médicos que se posicionaram contra a tradição científica e, por outro lado, um grupo de médicos que procurou esclarecimento em posicionamentos científicos<sup>2</sup> praticados por universidades de reconhecimento internacional e por organismos de prestígio mundial na área de pesquisa em saúde.

Somam-se a isso as ingerências do Governo Federal, que afetaram negativamente a tomada de decisões na gestão do Ministério da Saúde, em detrimento das ações técnicas especializadas.

Assim, ações que poderiam ter mitigado as consequências do avanço da doença (ou poderiam até ter evitado o trágico índice<sup>3</sup> de óbitos) foram negligenciadas. Em outras palavras, se as autoridades sanitárias brasileiras tivessem a autonomia necessária para levar em conta as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e se a gestão considerasse as orientações científico-metodológicas, efetivamente, muitas vidas teriam sido salvas.

Mesmo diante de grande resistência às agências reguladoras e aos princípios científicos, o governo da situação à época e seus apoiadores alimentaram discurso negacionista com grande

---

<sup>1</sup> Segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso de Covid-19 no Brasil se deu no dia 24 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanecendo-o-de-26-de-fevereiro>. Acesso em: 21 fev. 2023.

<sup>2</sup> Ao nos referirmos aos “posicionamentos científicos”, queremos considerar a expressão no sentido de “sistematização do conhecimento”, com os seguintes critérios: natureza empírica, objetivação, discutibilidade, observação controlada dos fenômenos, originalidade, coerência, sistematicidade, consistência, autoridade por mérito, relevância social, ética e intersubjetividade (Demo 2000, p. 27 *apud* Prodanov, 2013, p. 17-20). Por isso, em muitos momentos consideramos o termo como procedimentos metodológicos praticados por grandes centros acadêmicos e organismos internacionais de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que respeitam os direitos humanos. Não ignoramos, no entanto, que em tempos sombrios da história mundial, a “ciência” esteve a serviço de ideologias nazifascistas, que serviam a ideologias extremistas, como as experiências nazistas torturantes e cruéis, em Auschwitz, encabeçadas pelo médico Josef Mengele. Portanto, queremos frisar que a menção feita aos procedimentos ou aos preceitos científicos refere-se à ciência prestigiada em todo o mundo pelos resultados e pelo compromisso com os direitos humanos.

<sup>3</sup> Segundo o *site* do Senado Federal, à época da CPI da Pandemia de Covid-19, o número de óbitos atingia o total de mais de 400 mil. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil>. Acesso em: 17 fev. 2023. Ao longo da redação deste artigo, verificamos que o número de vítimas fatais se aproximava de 700 mil, o que nos leva a refletir sobre a gravidade da pandemia e sobre a relevância do assunto em pauta. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 17 fev. 2023. Ademais, vale ainda destacar que é possível ter havido subnotificação por parte da gestão de Jair M. Bolsonaro.

potencial de factoides, por meio das redes digitais, com o objetivo de desacreditar os médicos defensores da ciência praticada mundialmente. Para esse projeto de desinformação, o Governo Federal alicerçou o seu discurso em teorias da conspiração, em *fake news* e em busca de ferramentas ineficazes para o tratamento da doença.

Nesse contexto, podemos lembrar a opção do Ministério da Saúde por um “tratamento precoce”, que consistia no uso de hidroxicloroquina, cloroquina e ivermectina. Além disso, membros desse ministério propagavam a “ineficácia da vacina” em favor de uma proposta de “imunização de rebanho”. Por isso mesmo, registramos muito mais a interferência ideológica do que, propriamente, a tomada de providências para o enfrentamento da pandemia, como detalharemos em passagens dos depoimentos colhidos no processo de oitiva da CPI da Pandemia de Covid-19, que serão analisadas mais avante.

Diante dessa nebulosa ideológica, o Ministério da Saúde passou por várias mudanças: de 1º de janeiro de 2019 até 16 de abril de 2020 assumiu Luiz Henrique Mandetta (quatro meses); de 16 de abril a 15 de maio de 2020 (menos de um mês), esteve no cargo o médico oncologista Nelson Teich; em seguida, assumiu como interino de 15 de maio a 16 de setembro de 2020, o general do Exército Eduardo Pazuello. Mais adiante, esse mesmo militar é efetivado como ministro, em 16 de setembro de 2020, e permanece no cargo até 15 de março de 2021. Por fim, o médico cardiologista Marcelo Queiroga assume o cargo em 15 de março de 2021, permanecendo até o final do governo de Jair Bolsonaro.

Em meio a essa gestão atabalhoada, em 26 de fevereiro de 2020, instaura-se a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19 para apurar a eventual incompetência da gestão do então Presidente Jair M. Bolsonaro no enfrentamento da pandemia.

Frente a essas circunstâncias, resolvemos empreender uma pesquisa qualitativa e descritiva, para investigar a construção discursivo-ideológica para fins de dominação e poder, a partir de fragmentos de notas taquigráficas extraídos de diferentes reuniões da CPI da Pandemia de Covid-19. Assim sendo, este artigo se situa no seio da Análise Crítica do Discurso (ACD), porque aborda múltiplas possibilidades interdisciplinares. E, nesse prisma, instamos na busca pelo “sentido último ou do sentido oculto das coisas”, pois, como ressalta Fischer (2021, p. 198), “é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar”.

Ao analisar o *corpus*, que abarca passagens de diferentes reuniões da CPI da Pandemia de Covid-19, verificamos, entre apoiadores do Governo Federal, a presença convergente de discursos falaciosos em detrimento de vozes que trazem à baila o discurso científico oriundo do campo acadêmico.

De forma mais específica, convém reiterar que um grupo de médicos procurou alinhamento com o discurso do governo Bolsonaro<sup>4</sup>, que negou a eficácia das vacinas, tentou credenciar o “tratamento precoce”, defendeu a “imunização de rebanho”, negou o *lockdown*, posicionou-se contrariamente à testagem em massa, entre outras ações que contribuíram para agravar os danos causados pela pandemia.

Por outro lado, cientistas, que se apresentaram na CPI, como a infectologista Luana Araújo e a microbiologista Natália Pasternak, adotaram postura harmônica em favor da ciência. Como veremos ao longo deste artigo, as duas cientistas construíram argumentos na tentativa de refutar as narrativas dos defensores do governo Bolsonaro, quais sejam: Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi.

Com relação ao *corpus*, procuramos separar passagens de diferentes reuniões da CPI da Pandemia que convergem para os seguintes assuntos: (1) sistematização metodológica x teoria da conspiração; (2) distanciamento x imunização de rebanho (3) testagem x não-testagem; (4) vacina x tratamento precoce; (5) cuidado profilático x aglomeração e (6) decisões baseadas na qualificação técnica x decisões pautadas na conveniência ideológica. Nessa direção, elencamos as preferências discursivas dos dois blocos, a saber: um que defende o posicionamento discursivo-ideológico do governo Bolsonaro e outro que a ele se opõe. Em seguida, submetemos os excertos à investigação sob as lentes da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD).

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Do ponto de vista diacrônico, a ACD tem suas bases firmadas na década de 90 do século XX, como área do conhecimento da Linguística. Há, no entanto, duas correntes teóricas que podem convergir em alguns pontos, ou seja, a ACD de linha francesa e a ACD anglo-saxônica, cujos nomes mais relevantes são Norman Fairclough, Teun van Dijk, Ruth Wodak, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e John Thompson. Focalizamos a tendência anglo-saxônica, ainda que, em virtude da natureza multidisciplinar da ACD, evocaremos, esporadicamente, nomes como Charaudeau (2016) e Maingueneau (1996, 2010).

Magalhães (2005, 314) esclarece que a “Análise Crítica do Discurso pretende, em suma, mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas

---

<sup>4</sup> A imprensa publicou fartamente a posição do presidente Jair M. Bolsonaro sobre as decisões consideradas por especialistas de irresponsáveis, que contrariaram os protocolos praticados na maioria dos países desenvolvidos. Não só isso, mas as próprias declarações de Bolsonaro, então em desacordo em relação às universidades de prestígio internacional e contra as agências reguladoras. Além disso, esse chefe do Executivo promoveu atos que geraram aglomeração e, nesses eventos, não usou máscara, publicou vídeos descredenciando autoridades sanitárias em um canal próprio, exibiu medicamentos ineficazes, zombou das vítimas e demitiu todos quantos contrariaram seus posicionamentos arbitrários. No Relatório da CPI da Pandemia de Covid-19, por exemplo, encontramos diversas passagens que denunciam os atos negacionistas desse mandatário do Brasil à época, com registros na esfera jornalística, com vídeos, conversas por aplicativo, documentos, testemunhas etc. (ver Relatório final: Comissão Parlamentar de Inquérito). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/27/cpi-da-pandemia-entrega-relatorio-final-ao-presidente-rodrigo-pacheco> Acesso em: 20 fev. 2023.

sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação”. Partindo para uma apreciação mais específica do estudo, encontramos inúmeras produções sobre ACD que expõem um sem-número de pesquisas sobre discurso, ideologia e poder. Entre as mais relevantes contribuições, destacamos o trabalho de Fairclough (2001, p. 3), que, ao postular sobre “o termo discurso<sup>5</sup> (no que é amplamente chamado ‘análise do discurso’), sinaliza a visão particular da linguagem em uso [...] – como um elemento da vida social que está intimamente interconectado com outros elementos”.

Quando avançamos para o entendimento mais específico desse conhecimento linguístico, Fairclough (2010) defende um modelo tridimensional que a ACD pode ser entendida em suas três dimensões, isto é: (1) análise de texto, (2) prática das práticas discursivas e (3) análise da prática social. De forma sintética, podemos dizer que a dimensão da análise textual agrega vocabulário, gramática e coesão. A dimensão de práticas sociais envolve atos de fala, coerência, conexões e inferências. Por fim, a prática social abrange a ideologia e a hegemonia.

No que tange às questões sociais, van Dijk (2008, p. 6, grifos nossos)<sup>6</sup> vê que “em outras palavras, a Crítica Social do Discurso está especificamente interessada no estudo (crítico) de questões sociais, problemas, desigualdade social, **dominação e fenômenos relacionados, em geral, e o papel do discurso, uso da linguagem ou comunicação em tais fenômenos, em particular**”.

Nas relações sociointerativas, notamos a sucessão de confrontos discursivos para a busca de hegemonia e de manutenção de poder. Nesse particular, os estudiosos do discurso, como van Dijk (2000, 2008, 2009), Fairclough (2001, 2004, 2010), Maingueneau (1996) e Thompson (1990) constroem um pensamento na tentativa de deslindar o que há nas entrelinhas do discurso. Assim, poderíamos sintetizar o entendimento sobre ACD em termos de tratamento da linguagem como “espaço de luta hegemônica, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, a articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de possibilidades” (Ramalho; Rezende, 2006, p. 18).

A natureza do discurso, portanto, opera sobre o mundo e sobre os sujeitos. Nesse entendimento, trazemos a assertiva de Maingueneau (2010, p. 64), que diz ser a análise do discurso “crítica pela própria seleção de seus objetos de investigação” e acrescenta que “a análise do discurso se manifesta contra um número de ilusões constitutivas de ideologia espontânea dos locutores, que acreditam que dizem, o que pensam, que utilizam a linguagem como instrumento etc.” (Maingueneau, 2010, p. 65).

---

<sup>5</sup> “The term discourse (in what is widely called ‘discourse analysis’) signals the particular view of language in use [...] as an element of social life which is closely interconnected with other elements” (Fairclough, 2001, p. 3, tradução nossa).

<sup>6</sup> “In other words, CDS is specifically interested in the (critical) study of social issues, problems, social inequality, domination and related phenomena, in general, and the role of discourse, language use or communication in such phenomena, in particular” (Dijk, 2008, p. 6, tradução nossa).

Sobre esse ponto, Althusser (1985, p. 69) postula que “a ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social”. De forma mais restrita, van Dijk (2000, p. 51)<sup>7</sup>, observa que “[...] as ideologias são desenvolvidas por grupos dominantes para reproduzir e legitimar sua dominação”. Ao avançar para o esclarecimento de ideologias, o autor continua: “[...] as ideologias se comunicam de modo persuasivo na sociedade e, desse modo, ajudam a reproduzir o poder e a dominação de grupos ou classes específicas” (Van Dijk, 2000, p. 51)<sup>8</sup>. Assim, aqui ressaltamos que a noção de ideologia está intimamente ligada às relações de poder, que se materializa em discursos. Nessa direção, os trabalhos de Thompson (1990) esclarecem como se dá a operacionalização da ideologia a partir de estratégias discursivas, como: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, o que nos remete ao pensamento de Bakhtin (1977, p. 25)<sup>9</sup>, que nos ensina que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia”.

## 2. METODOLOGIA

Uma vez que o nosso objetivo é investigar, criticamente, os pontos de vista discursivo-ideológicos extraídos de depoimentos da CPI da Pandemia de Covid-19, buscamos delimitar o *corpus* a partir de quatro notas taquigráficas oriundas de diferentes reuniões.

Antes de elencarmos as notas taquigráficas, fizemos uma triagem para separarmos os textos em duas categorias marcadamente ideológicas. Por um lado, separamos duas notas taquigráficas cujos conteúdos servem à ideologia do governo que, notadamente, representava a extrema direita, à época, e, por outro lado, selecionamos outras duas que apontam argumentos em favor da ciência e que estão em sintonia com órgãos reguladores nacionais e internacionais.

Em seguida, analisamos as estratégias discursivo-ideológicas utilizadas pelos depoentes para compararmos a construção discursiva presente nas diferentes notas taquigráficas. Na sequência, descrevemos as escolhas discursivo-ideológicas e classificamos tais depoimentos segundo parâmetros da ACD. Em outro momento, esquematizamos as exposições dos depoentes e confrontamos os argumentos trazidos para identificar se os discursos dos membros do Governo Bolsonaro foram refutados pelos pressupostos científicos trazidos por Natália Pasternak e por Luana Araújo.

---

<sup>7</sup> “[...] las ideologías son desarrolladas por grupos dominantes para reproducir y legitimar su dominación” (Dijk, 2000, p. 51, tradução nossa).

<sup>8</sup> “[...] las ideologías se comunican de un modo persuasivo en la sociedad y, de ese modo, ayudan a reproducir el poder y la dominación de grupos o clases específicas” (Dijk, 2000, p. 51, tradução nossa).

<sup>9</sup> «Tout ce qui est idéologique possède un référent et renvoie à quelque chose qui se situe hors de lui. En d’autres termes, tout ce qui est idéologique est un signe. Sans signes, point d’idéologie» (Bakhtine, 1977, p. 25, tradução nossa).

Tendo em vista a necessidade de um recorte mais preciso do *corpus*, entendemos que ainda seria necessário afunilar os textos disponíveis por temas que se contrapõem. Para isso, elaboramos um quadro que permite a categorização da seguinte forma:

**Quadro 1 - Temas investigados em contraposição**

<b>Posição científicista</b>	<b>Posição negacionista</b>
pressupostos baseados na ciência (*)	pressupostos baseados em fontes duvidosas
<i>lockdown</i>	imunidade de rebanho
testagem	não-testagem
vacinação	tratamento precoce
cuidado profilático	aglomeração
decisões alicerçadas na qualificação técnica	decisões pautadas em conveniência ideológica

(\*) ver nota de rodapé n. 4 neste artigo

A primeira nota taquigráfica refere-se à 24ª reunião da CPI da Pandemia de Covid-19, do dia 22/6/2021, que ouviu o deputado Osmar Terra. Nessa oitiva, verificamos que os argumentos do depoente se basearam nos assuntos descritos acima na coluna da direita.

Começamos pelo depoimento de Osmar Terra<sup>10</sup>, porque, com o avançar das investigações da CPI da Pandemia de Covid-19, chegou-se ao entendimento de que o parlamentar poderia ter aconselhado membros do Ministério da Saúde com a finalidade de induzi-los aos mesmos procedimentos negacionistas.

Em continuidade, analisamos as notas taquigráficas da oitiva da médica oncologista Nise H. Yamaguchi<sup>11</sup>, que foi ouvida na 14ª reunião da CPI da Pandemia de Covid-19, ocorrida no dia 1/6/2021.

Em seguida, comparamos os posicionamentos defendidos pela médica Nise H. Yamaguchi com o depoimento de Osmar Terra, com foco nos assuntos elencados anteriormente, na tentativa de identificar alguma semelhança ou diferença entre os discursos apresentados, ou seja, buscamos saber se havia divergência ou convergência entre as sustentações dos depoentes.

Na sequência, examinamos outras duas notas taquigráficas que revelam posições em favor da ciência, com relação aos temas investigados. Com isso, analisamos detalhadamente as notas taquigráficas referentes à 15ª reunião da CPI da Pandemia de Covid-19, realizada em 2/6/2021, que ouviu a médica infectologista Luana Araújo<sup>12</sup>, e analisamos as notas taquigráficas da audiência da 19ª reunião da CPI da Pandemia da Covid-19, do dia 11/6/2021, na qual foi ouvida a cientista Natália Pasternak<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialização em Saúde Perinatal, Educação e Desenvolvimento do Bebê pela Universidade de Brasília (UnB).

<sup>11</sup> Graduada em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP), com residência em Clínica Médica e Imunologia e Alergia no Hospital das Clínicas da FMUSP, doutorou-se na disciplina de Pneumonia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e tem formação em oncologia.

<sup>12</sup> Médica com especialização em doenças infecciosas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrado em Saúde Pública pela universidade Johns Hopkins Bloomberg, nos Estados Unidos da América.

<sup>13</sup> Microbiologista, com PhD e pós-doutorado em Microbiologia pela Universidade de São Paulo (USP).



### 3. ANÁLISE DOS DADOS

A construção discursiva expressa pelos médicos apoiadores do governo Bolsonaro procura legitimar as decisões ideológicas e, ao mesmo tempo, busca garantir a manutenção do poder através da linguagem. Isso quer dizer, na ótica de Wodak (2004, p. 236), que não é a linguagem que garante o poder, mas o uso que os agentes dela fazem que pode garantir o poder.

Assim, médicos apoiadores do governo de Jair Bolsonaro procuram um discurso unânime, que tenta descredenciar os propósitos científicos praticados por universidades e órgãos reguladores em favor de uma minoria<sup>14</sup> que defende posição contrária. Esses atores, notadamente à frente do Ministério da Saúde, no momento mais desafiador da pandemia, procederam de forma irresponsável, a saber: (1) defenderam tratamento precoce, (2) alardearam que as vacinas seriam ineficazes, (3) sustentaram posição contra o *lockdown*, (4) propalaram posição contrária aos cuidados profiláticos, (5) sabotaram a testagem em massa. Essas posições foram, muitas vezes, fundamentadas a partir de publicações apócrifas ou buscaram evidenciar opiniões de pseudocientistas a serviço da ideologia vigente à época.

Nomes como Osmar Terra, Nise H. Yamaguchi, Eduardo Pazuello<sup>15</sup>, Marcelo Queiroga e outros procuraram invalidar as teses científicas disponibilizadas por centros acadêmicos e organismos nacionais e internacionais que lidam com pesquisas na área de saúde e, a todo tempo, sonegaram informações ou deram depoimentos falsos durante as oitavas prestadas a CPI da Pandemia de Covid-19.

Para comprovar tal afirmação, pinçamos das notas taquigráficas da referida Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia de Covid-19 trechos dos depoimentos desses sujeitos que defenderam o “tratamento precoce” (que recomendavam fármacos como: ivermectina, cloroquina e hidroxicloroquina) e usaram argumentos falaciosos para tentar validar a “imunidade de rebanho”, a negação da vacinação, o abandono da testagem em massa, a ausência de cuidados profiláticos, a rejeição ao isolamento social (ou *lockdown*). Por isso mesmo, os discursos são arquitetados com o fim de legitimação e de dominação.

Em primeiro lugar, ao analisarmos o depoimento do deputado Osmar Terra, fica claro que o referido médico (e político) defende em tom falacioso o “tratamento precoce”, a “imunidade de rebanho” e o “relaxamento do isolamento social”. Com isso, na oitava da reunião da CPI de 26/6/2021, Osmar Terra procura legitimar seus argumentos ao citar a Gripe Espanhola (1918-1919), a Gripe Russa (1889-1890), a Gripe de Hong Kong (1968-1969) e a Gripe H1N1 (2009), na tentativa de naturalizar (com eufemizações) o efeito devastador da Pandemia de Covid-19 e, ao mesmo

---

<sup>14</sup> Referimo-nos a uma minoria de médicos que busca validar procedimentos isolados sem a chancela das comunidades científicas internacionais, como Didier Raoult, Zelenko e Peter McCullough, que alinham os discursos em defesa do “tratamento precoce”.

<sup>15</sup> Apesar de não ter formação médica, o General do Exército Eduardo Pazuello assumiu o Ministério da Saúde interinamente, em 15 de maio de 2020 e, posteriormente, em 16 de setembro de 2020 foi efetivado, e exonerado em 15 de maio de 2021.

tempo em que também intenciona legitimar um discurso para amparar as ações desastrosas do governo Bolsonaro. Osmar Terra chega a defender que em todas as “pandemias” anteriores obtivesse a “imunidade de rebanho”, e assim constrói o seu discurso em torno do sofisma de que, “*se nesses momentos históricos de contaminação por vírus houve a ‘imunidade social’, de igual modo, haveria a contaminação pelo Coronavírus*”, assim confirmando uma das estratégias de operação de ideologia apresentada por Thompson (1990), em que as “relações de dominação são representadas como legítimas (representadas como justas e dignas de apoio/comprovação)”.

Assim sendo, esses representantes do núcleo do Governo Federal, à época, procuraram harmonizar o discurso a fim de garantir a detenção de poder. Sobre esse aspecto, Wodak (2004, p. 237) destaca que “o poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo”. Isto é, a linguagem é moldada com finalidade de garantir o posicionamento ideológico que se opõe aos propósitos científicos seguidos universalmente e autenticados pela maioria dos cientistas das universidades mais relevantes do mundo e dos órgãos reguladores internacionais e nacionais.

Por um lado, destacamos um bloco apoiador do Governo Federal que procura alinhar o discurso que tenta legitimar o “tratamento precoce” com uso de fármacos *off label* (como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermequitina), “imunização de rebanho”, posicionamento contrário ao *lockdown*, sem um método definido (confundindo metodologia e ferramenta estatística), e com um discurso baseado em fontes apócrifas e aconselhamento paralelo, o que limita a autonomia do Ministério da Saúde.

Para bem entendermos as estratégias discursivas do bloco apoiador do Governo Federal, trazemos o modelo de Thompson (1990), que indica cinco modos gerais de operação da ideologia, os quais se subdividem em várias estratégias de construções discursivas simbólicas, como pode ser visto, no quadro seguinte:

**Quadro 2 - Estratégias discursivas de operação de ideologia, de Thompson (1990)<sup>16</sup>**

<b>MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA</b>	<b>ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA</b>	<b>EXEMPLOS</b>
1. LEGITIMAÇÃO – relações de dominação são representadas como legítimas (representadas como justas e dignas de apoio/comprovação)	1.1. FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS/ RACIONALIZAÇÃO (apelo à legalidade, a bases supostamente científicas) (construção de uma cadeia de razões que busca defender ou justificar um conjunto de relações sociais ou instituições, e, assim, persuadir um público que vale a pena apoiar.)	1.1 Argumentos de que, se em outras pandemias ocorreu uma imunidade de rebanho, com a Covid-19, a contaminação em massa promoveria imunidade.
	1.2. UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses	1.2 Consideram a Covid-19 uma “gripezinha”.

<sup>16</sup> Modelo de Thompson (1990), com adaptações e exemplos extraídos das notas taquigráficas da CPI da Pandemia de Covid-19.

	gerais – esses arranjos são vistos como abertos, em princípio, para qualquer um que tenha a habilidade e a inclinação para ser bem sucedido.)	
	1.3. PARTICULARIZAÇÃO (questões gerais são apresentadas como problemas específicos, individualizados)	1.3 Alusão a pandemias do passado a fim de tentar autenticar as ações equivocadas em relação à gestão da pandemia de Covid-19 no presente.
	1.4. NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente. Ex.: tradições, costumes, pessoas) (Às vezes tradições são inventadas para criar um sentimento de pertencimento a uma comunidade e a uma história). Quanto à narração, Adam (2019, p. 113) define essa sequência textual como “conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim”.	1.4 Os médicos negacionistas narram eventos que são deslocados da realidade para tentarem legitimar as ações intempestivas do Governo Federal à época. Por exemplo, Nise H. Yamaguchi diz que um medicamento para protozoário serviria para combater vírus. Para isso ela narra que um experimento <i>in vitro</i> , mesmo sem ser testado em humanos, poderia ser usado para combater Covid-19.
2. DISSIMULAÇÃO – Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas (as relações são representadas de uma forma que desviam a atenção ou encobrem as relações ou processos existentes).	2.1. DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões – um termo comumente usado para se referir a um objeto ou a um indivíduo é usado para se referir a outro).	2.1 A vacinação é substituída por tratamento precoce e <i>lockdown</i> é cambiado por “imunidade de rebanho”.
	2.2. EUFEMIZAÇÃO (valorização positiva de instituições, ações, acontecimentos ou relações).	2.2 Os médicos negacionistas expõem o número de recuperação como forma de atenuar o número de contaminados ou número de óbitos.
3. UNIFICAÇÃO – Construção simbólica de identidade coletiva	3.1. PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado).	3.1 Os médicos negacionistas procuram construir um discurso “uno” ou alinhado, na tentativa de invalidar as bases científicas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de órgãos reguladores. Por exemplo: defendem imunização de rebanho, tratamento precoce, põem em xeque a eficácia da vacina, não aceitam o isolamento social, rejeitam o uso de máscara, bem como invalidam a higienização de mãos e uso de máscaras.
	3.2. SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva).	3.2 Afirmações de que os posicionamentos contrários são a aparência do mal e, portanto, são descredenciados. Exemplo: relação entre tomar vacina e “virar jacaré”.
4. FRAGMENTAÇÃO – segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante.	4.1. DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)	4.1 Declarações de que as vacinas seriam ineficazes e o distanciamento social traria prejuízos econômicos.
	4.2. EXPURGO (construção simbólica de um inimigo)	4.2 Avaliações de defensores da ciência como ‘militantes de esquerda’ e, por isso, seriam agentes promotores de perseguição e desqualificação.
5. REIFICAÇÃO – Retratação de uma	5.1. NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)	5.1 Afirmações do tipo: “Outras pandemias passaram e a de Covid-19, igualmente, passará”.

situação transitória como permanente e natural	5.2. ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)	5.2 Declarações como: “Todos nós morreremos um dia”.
	5.3. NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações).	5.3 Declarações de agentes do governo, tais como: “O crescimento econômico é o foco do governo, portanto, não haverá distanciamento”.

Após breve apresentação de alguns discursos vistos no quadro acima, passamos a fazer alguns destaques sobre a fala dos depoentes, que revelam seus posicionamentos<sup>17</sup>.

Na tentativa de naturalizar a pandemia Covid-19, Terra (2021, p. 12, grifos nossos) diz que defende a chamada “imunidade de rebanho”, ao destacar que:

***A imunidade de rebanho é como terminam todas as pandemias, é o resultado final. Quando se chega a um percentual da população por vacina – nesse caso, vai ser importante vacina –, ou não, pelo contágio que o vírus causa, vai se chegar a um percentual que termina com a pandemia. Senão, não termina. Essa é a grande questão.***

No entendimento de Thompson (1990), esse posicionamento assume duas aparências: pode ser expresso por deslocamento ou por eufemização. No caso em tela, vemos o deslocamento da concepção de pandemia e, ao mesmo tempo, destacamos a eufemização, quando o depoente procura mostrar em seu discurso que a razão econômica estaria justificada em razão da conveniência. Além disso, observamos um exemplo de legitimação pautado em argumento falacioso, porque Osmar Terra deduz que, “se quatro ‘pandemias’ anteriores terminaram, porque atingiram a ‘imunidade de rebanho’, a pandemia de Covid-19 também deverá terminar pelo mesmo processo”.

Em uma declaração totalmente deslocada da realidade, Terra (2021, p. 12, grifos nossos) diz:

***Quais eram os fatos – e assim se faz a ciência – concretos que existiam em fevereiro e março? Os fatos concretos que existiam em fevereiro e março eram a epidemia da China. A China teve um surto completo. Ela completou... Ela começou, subiu, desceu e terminou! Tem 4 mil mortes na China até hoje. Era o surto que tinha na época para ser analisados: 4 mil mortes num país de 1,4 bilhão de habitantes nos levaram à ideia de que não seria uma coisa tão grave. O mesmo aconteceu com o surto da Coreia, 185 mortes; no navio Diamond Princess, sete pessoas morreram em 3,5 mil... Esses eram os dados, esses eram os fatos que tinham na época...***

Mais uma vez notamos que o raciocínio falacioso inunda as declarações. As palavras do depoente minimizam os efeitos da pandemia e procuram confundir a audiência com dados e comparações imprecisos. Nessa e em outras declarações, Osmar Terra procura legitimar o seu discurso com menções históricas desconexas. Sobre essa estratégia, Thompson (1990) postula que essa postura de tentar legitimar o discurso através de falácias argumentativas demonstra mais

<sup>17</sup> A transcrição dos depoimentos será aqui apresentada em itálico, para se destacar das citações do referencial teórico deste estudo.

uma forma de operação ideológica. Não só isso, mas é também visível que o parlamentar tenta particularizar eventos em contextos diferentes e em épocas diversas como se esses acontecimentos servissem de regra para o contexto brasileiro com o avanço da Covid-19.

Completamente alinhada com Osmar Terra, a médica oncologista Nise H. Yamaguchi constrói seu discurso em torno da “ideologia dominante” do Governo Federal à época. Dessa forma, a médica comunga das mesmas ideias sobre: “imunidade de rebanho”, “tratamento precoce” e, portanto, rejeita a possibilidade de *lockdown* (como também, desaprova o confinamento social). Sobre imunidade de rebanho, Yamaguchi (2021, p 12, grifos nossos) assevera que:

*Antes eu quero esclarecer o que é imunidade de rebanho. **Imunidade de rebanho é um fato.** Ela acontece quando você tem uma grande quantidade de pessoas imunizadas, ou que tenham tido contato com o vírus, ou que tenham uma imunidade natural já previamente adquirida pelo contato com outros vírus. Então, o que acontece é que esse fato, que é a imunidade de rebanho, acontece de diversas maneiras.*

Na busca de unificação das ideias sobre os temas discutidos neste trabalho, constatamos que as teses de Nise H. Yamaguchi e de Osmar Terra são repetidas como mantras para provocarem na audiência um discurso uno. São discursos circulares, que não levam a qualquer lugar. Nesse mesmo aspecto da unificação, fica claro que ambos os médicos negacionistas buscam legitimar a postura do Governo Federal em exercício à época. Soma-se a isso, segundo Thompson (1990), que a simbolização é mais uma estratégia usada, porque todos quantos pensam diferente do mandatário da nação são tidos como “esquerdistas” e, ao serem assim rotulados, são descredenciados e expurgados do Ministério da Saúde.

Quando perguntada sobre a eficiência das vacinas, Yamaguchi se esquivava e responde sem clareza, porém deixa a ideia implícita de que as vacinas seriam ineficazes ou deveriam ser aprimoradas. Para tentar validar o discurso de que o “tratamento precoce” seria mais importante do que as vacinas, a médica oncologista procura mostrar um caso isolado pessoal e declara para a audiência: “*eu já tive Covid-19, e eu não posso me vacinar, porque eu tenho uma doença autoimune*” (Yamaguchi, 2021, p. 64).

Nise H. Yamaguchi, dessa forma, enaltece reiteradamente o “tratamento precoce”. Para isso, ela cita jornais estrangeiros, agências estrangeiras, hospitais famosos, porém não o faz para fundamentar a “eficiência do tratamento”. Muito pelo contrário, Nise H. Yamaguchi faz menções periféricas para tentar justificar escolhas ou caminhos possíveis, mas não expõe qualquer evidência para fundamentar seu discurso, que é vazio e sem consistência e suas justificativas não condizem com os pressupostos científicos sobre a questão. Ademais, a médica oncologista muda o foco da discussão, colocando-se na posição de vítima de perseguição política, ao ser confrontada em relação às próprias declarações públicas sobre “imunidade de rebanho”, “tratamento precoce”,

“ineficiência da vacina” e isolamento social (ou *lockdown*). Em uma de suas falas, Yamaguchi (2021, p 27, grifos nossos) chegou a dizer:

*O New York Times, inclusive, confundiu, falando que o estudo do Amazonas de hidroxicloroquina tinha matado gente, e não era verdade: era cloroquina numa dose alta. Então, deu margem a essa confusão mundial e acabou sendo citado aqui, inclusive no material oferecido à Procuradoria da República, como sendo um dos motivos pelos quais não se deveria usar a cloroquina. **Então, a gente acredita que tem evidências científicas bastante robustas de que é uma droga segura e eficiente, usada há mais de 70 anos - a cloroquina, a hidroxicloroquina, um pouco menos -, mas considerados pela Organização Mundial de Saúde como remédios essenciais.***

Nesse fragmento, apesar de a médica oncologista ressaltar a expressão “evidências científicas”, o propósito de sua tese é falso, porque o medicamento citado foi testado para o tratamento de protozoário, que é totalmente discrepante da ideia de uso desses fármacos para o tratamento de vírus.

Na sequência, por outro lado, é importante destacar as falas de duas cientistas que deram suas contribuições ao relatório da CPI da Pandemia de Covid-19 de forma diametralmente contrária às de Osmar Terra e às de Nise H. Yamaguchi. Referimo-nos a Natália Pasternak e a Luana Araújo, que apresentam discursos harmônicos em prol da ciência. Nesse particular, as cientistas trazem posições completamente antagônicas aos aliados do Governo Federal. Antes de responderem às perguntas, ambas as cientistas, em momentos diferentes, preservam o *ethos* ao exporem uma “imagem de si”. Sobre esse aspecto que envolve o *ethos*, Maingueneau (1996, p. 40)<sup>18</sup> destaca:

Todo discurso, oral ou escrito, pressupõe um *ethos*. Ele implica uma certa representação do corpo, de sua garantia do enunciador que assume a sua responsabilidade. A sua fala faz parte de um comportamento global (modo de se movimentar, de se vestir, de se relacionar com os outros...) Atribui-se-lhe assim um caráter, um conjunto de traços psicológicos (jovial, severo, simpático...) e uma corporificação (um conjunto de traços físicos e de vestimenta).

Guardadas as devidas diferenças, essa “imagem de si” é exposta pelas duas cientistas ao serem interpeladas em reuniões<sup>19</sup> diferentes. Nessa direção, tanto Natália Pasternak, quando Luana Araújo apresentam suas formações com significativo preparo acadêmico, de acordo com os centros acadêmicos de prestígio global, e em consonância com as autoridades sanitárias nacionais e internacionais e, por essa razão, deixam patente que são capacitadas para tratar dos assuntos relativos à crise sanitária em foco.

<sup>18</sup> Tout discours, oral ou écrit, suppose un éthos : il implique une certaine représentation du corps de son garant, de l'énonciateur qui en assume la responsabilité. Sa parole participe d'un comportement global (une manière de se mouvoir, de s'habiller, d'entrer en relation avec autrui...) On lui attribue ainsi un caractère, un ensemble de traits psychologiques (jovial, sévère, sympathique...), et une corporalité (un ensemble de traits physiques et vestimentaires) Maingueneau (1996, p. 40, tradução nossa).

<sup>19</sup> Segundo Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19, Luana Araújo foi ouvida na 15ª reunião, em 2/6/2021, e Natália Pasternak foi convidada para a audiência pública na 19ª reunião, em 11/6/2021. Disponível em < <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4> > Acesso em: 21 jan. 2023.

Assim, ao ser questionada pelo relator da CPI, senador Renan Calheiros, sobre qual seria a forma mais eficiente de se combater uma doença viral, Pasternak (2021, p. 10, grifos nossos) foi categórica e disse: “*Senador, **com vacinas***”. Com isso, a microbiologista coloca seu posicionamento favorável às vacinas e rechaça veementemente o “tratamento precoce”. Nessa direção, ao responder um questionamento do relator sobre o uso de medicamentos, como ivermectina, cloroquina e hidroxiclороquina, a cientista frisa que:

*Esses medicamentos não servem pra Covid-19, **de acordo com a evidência científica acumulada até agora**. Como coloquei na minha apresentação, é claro que a ciência está sempre pronta pra mudar de ideia diante de novas evidências, mas as novas evidências precisam ser robustas; **não é qualquer trabalho que foi publicado em qualquer revista**. São evidências robustas avaliadas pela comunidade científica. Se essas evidências aparecessem, a comunidade científica muda de ideia. Mas **o que temos de evidência acumulada até agora e acumuladas de uma forma que, realmente, é robusta ou suficiente é forte o suficiente pra nos dizer que esses medicamentos não são indicados pra Covid-19** (PASTERNAK, 2021, p. 11, grifos nossos).*

De modo categórico, fica claro o posicionamento da cientista em favor da ciência<sup>20</sup>, pois, para ela, a ciência precisa de método e fundamentação segura para que as descobertas sejam chanceladas pela comunidade científica. A microbiologista ainda diz que a hidroxiclороquina é inapropriada para o paciente em qualquer estágio da doença (Pasternak, 2021, p. 13-14). Em relação à vacinação, a cientista revela em outra resposta a um questionamento de uma senadora que, “[...] *sobre a imunidade de rebanho, Senadora, é um termo vacinal. Imunidade de rebanho é algo que **a gente alcança com campanhas de vacinação**, e não deixando todo mundo pegar a doença pra ver o que vai dar. Isso a gente nunca fez historicamente*” (Pasternak, 2021, p. 40). Nesse fragmento, a microbiologista, de uma só vez, desfaz o sentido deturpado sobre imunidade e enaltece a vacinação.

Ainda sobre o “tratamento precoce”, Pasternak (2021, p. 14, grifos nossos) diz que

*[...] o kit Covid, que inclui uma série de medicamentos que **infelizmente estão sendo distribuídos para a população como tratamento precoce... Eles não têm nenhuma base científica que apoie o seu uso**. É bem pelo contrário. [...] Então, a hidroxiclороquina é um medicamento muito comum para malária e muito bom para malária, usado também para algumas doenças autoimunes, **mas nunca foi testado em conjunto com outros medicamentos**, como a azitromicina, como a ivermectina, a nitazoxanida e outros componentes que aparecem e somem desse kit Covid...*

Nesse excerto, a microbiologista reitera o seu posicionamento contra o uso de fármacos que não encontram qualquer base científica para o tratamento da Covid-19.

Perguntada sobre a prevenção, Pasternak mostra-se favorável às medidas preventivas, inclusive, o distanciamento social. Nesse particular, podemos confrontar essa declaração com os posicionamentos negacionistas de Osmar Terra e Nise Yamaguchi, que acreditam na “imunização de rebanho”. Assim, para refutar os posicionamentos dos médicos bolsonaristas, Pasternak (2021, p. 24, grifos nossos) sustenta que “[...] *muitos bons cientistas e bons técnicos não se sentem*

<sup>20</sup> Ver nota 4.

confortáveis para **trabalhar num Governo onde sabem que eles não vão poder seguir a ciência, porque a ciência está sendo negada, está sendo atacada justamente por esse próprio Governo**”.

Pasternak é mais objetiva com relação ao *lockdown* na seguinte passagem:

*Então, essas **são as medidas que a ciência diz**, Senador, que são as melhores. E, quando a gente está em uma situação de calamidade, *lockdown* é a medida importante. É óbvio que ela é uma medida drástica, mas situações drásticas vão receber medidas drásticas. E esse *lockdown* nunca foi feito no Brasil, a não ser de forma muito isolada e **nos deu até uma boa prova de conceito** –, mas não é tão eficaz como se tivesse uma região inteira coordenada fazendo esse *lockdown* em conjunto. [...] a falta de diretrizes coordenadas pelo Ministério da Saúde, pelo Governo Federal, que acabou deixando Estados e Municípios à própria sorte, para que cada um combata a pandemia do seu jeitinho, sem terem diretrizes claras coordenadas, com uma coordenação nacional (PASTERNAK, 2021, p. 18-19 grifos nossos).*

Aqui, vemos claramente que Natália Pasternak é favorável ao *lockdown* e, ao sê-lo, a microbiologista já deixa claro que não há espaço para a “imunidade de rebanho”.

A médica infectologista Luana Araújo, por seu turno, revela em seu discurso uma apreciação à ciência, tal qual vimos demonstrando em relação a Natália Pasternak, pois, quando questionada, mostra que as decisões para o enfrentamento da pandemia de Covid-19 devem se pautar em métodos claros, e se alicerçarem em pareceres rigorosos das comunidades científicas (inclusive de comunidades internacionais), sendo necessário o respaldo de órgãos reguladores.

Ao trazermos à discussão o pensamento de Luana Araújo sobre os assuntos em foco (vacina, *lockdown*, “imunidade de rebanho” e “tratamento precoce”), perceberemos uma aproximação entre o discurso elaborado por Luana Araújo e o discurso de Natália Pasternak, pois ambas as cientistas recorrem aos padrões científicos como fundamentos que as autorizam a se posicionarem.

Araújo (2021, p. 30, grifos nossos), por conseguinte, coloca-se contra a “imunidade de rebanho”. Para ela: “[...] **uma imunidade de rebanho natural, dentro do SARS-CoV-2 e da doença Covid-19 é impossível de ser atingida, não é uma estratégia inteligente. Ela é impossível de ser atingida**”.

Araújo (2021, p. 39, grifos nossos) é favorável à vacinação e aos cuidados profiláticos, como ela expõe na seguinte passagem:

*[...] a gente está falando na **intervenção vacinal majoritariamente** e associada (sic) à ela, nas **outras estratégias não farmacológicas de comportamento**, quer dizer, a pessoa tem a vacinação como base, mas ela precisa ainda **manter o uso da máscara, a higiene de mãos e o distanciamento social**.*

Araújo (2021, p. 20, grifos nossos) ainda mostra sua oposição ao “tratamento precoce” e, ao comentar sobre cloroquina e hidroxicloroquina, ela frisa:

*[...] uma metanálise feita da forma correta, uma metanálise que é essa ferramenta que condensa e melhora a nossa percepção de estudos, feita sobre estudos que são de alta qualidade, que são estudos randomizados, controlados – e mostra que existe um **aumento da mortalidade com o uso de cloroquina e hidroxicloroquina**.*



Ainda quando interpelada por Renan Calheiros sobre o tratamento precoce, Araújo (2021, p. 12-13) declara:

*Essa é uma discussão delirante, esdrúxula, anacrônica e contraproducente. Quando eu disse que um ano atrás nós estávamos na vanguarda da estupidez mundial, eu infelizmente ainda mantenho isso em vários aspectos, porque nós ainda estamos aqui discutindo uma coisa que não tem cabimento. É como se a gente estivesse escolhendo de que borda da Terra plana a gente vai voar; não tem lógica. A gente precisa desenvolver soluções, estratégias claras adaptadas ao nosso povo. A gente precisa ajudar o gestor [...] a conseguir os resultados que ele precisa, porque desses resultados dependemos todos nós. Então, ao invés de a gente fazer isso, com todo o respeito do mundo, nós estamos aqui discutindo algo que é um ponto pacífico para o mundo inteiro. Esse que é o perigo da nossa arrogância. É preciso que a gente aprenda com os outros lugares, com as outras instituições...*

Nesse fragmento, encontramos uma forma implícita de apontar repúdio ao procedimento *off label* como tratamento precoce. Além disso, a cientista faz uma crítica contundente ao teor negacionista adotado pelo Ministério da Saúde. Esse órgão do Executivo, como pode ser constatado, sofreu ataques e foi forçado a atender às ingerências de teor ideológico do Governo de Jair M. Bolsonaro.

Portanto, diferente dos médicos bolsonaristas, frisamos, com efeito, que Luana Araújo e Natália Pasternak fundamentam seus discursos na argumentação *ad rem*, que, para Perelman (2014, p. 125), “corresponde a uma argumentação que o orador pretende válida para toda a humanidade racional ou, *ad humanitatem*”, pois a retórica escolhida pelas médicas se materializa a partir de pesquisas e vivências no ambiente médico-laboratorial, seguindo normas e métodos universais. Na contramão, os depoentes negacionistas Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi fundamentam seus discursos em argumentação *ad hominem*, que, segundo Perelman (2014, p. 125), tem sua base no juízo de valor em detrimento da razão e da verdade.

Elaboramos um quadro comparativo desses discursos antagônicos, que resume a polarização revelada nos discursos em dois blocos, conforme pode ser visto logo a seguir:

### Quadro 3 - Quadro síntese dos assuntos que subjazem às teses defendidas pelos médicos.

CIENTÍFICO	NEGACIONISTA
Pressupostos científicos defendidos majoritariamente por organismos de pesquisa nacionais e internacionais.	Teorias da conspiração e documentos apócrifos, tais como: artigos de fontes duvidosas, <i>sites</i> e conteúdos de aplicativo <i>whatsapp</i> .
Distanciamento social e isolamento vertical	Imunidade de rebanho <sup>21</sup>
Testagem	Não-testagem
Vacina	Tratamento precoce, uso <i>off label</i> (cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina).
Cuidado profilático: uso de máscara, higienização de mãos etc.	Agglomerações e contato sem restrições.

<sup>21</sup> A todo tempo, Yamaguchi (2021, p. 80) e Terra (2021, p. 12) defendem a dita “imunidade de rebanho”, como aparece em seus depoimentos durante as oitivas da CPI da Covid-19. Além disso, podemos destacar volumosos registros de declarações dessa natureza proferidas pelos referidos médicos no Relatório da CPI da Pandemia. Relatório final: Comissão Parlamentar de Inquérito. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Decisões baseadas na qualificação técnica	Decisões baseadas na conveniência ideológica
---	--

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frisamos que a defesa do óbvio, em meio à “engenharia do caos”<sup>22</sup>, parece uma tarefa descomunal, uma vez que essa atividade em favor da ciência exige de quem envereda pelas trilhas da racionalidade um esforço enorme para tentar provar suas teses no confronto e na resistência ao emergente “teatro do absurdo”, que procura validar o *nonsense*.

Essa visão distorcida do mundo lembra-nos o pensamento de Camus (2004, p. 50), ao afirmar que “para um espírito absurdo, a razão é vã e não existe nada além da razão”. No entanto, a ACD nos garante a possibilidade de investigar os meandros discursivos com a finalidade de se buscar a verdade que é inerente ao humano.

Nesse sentido, objetivamos investigar, criticamente, os posicionamentos discursivo-ideológicos extraídos de depoimentos da CPI da Pandemia de Covid-19. De forma mais específica, no nosso percurso ao longo deste estudo, procuramos: a) arrolar as estratégias argumentativas utilizadas pelos depoentes, na tentativa de legitimar as teses expostas; b) comparar os discursos em blocos separados a partir de temáticas específicas; c) descrever as escolhas discursivo-ideológicas para a manutenção das teses expostas; d) classificar os discursos evocados a partir das teorias da ACD; e) esquematizar os posicionamentos apresentados pelos depoentes e f) analisar os posicionamentos convergentes e divergentes.

Diante do levantamento dos dados e das análises, chegamos ao entendimento de que Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi procuraram construir os seus posicionamentos pautados em discursos falaciosos, negacionistas e de conveniência ideológica. Em entendimento diametralmente oposto, constatamos que Luana Araújo e Natália Pasternak refutaram as teses de seus adversários, pois fundamentaram seus discursos em teorias científicas. Com isso, vemos que a pesquisa traz contribuições ao evocarmos reflexões sobre a ACD a partir de um *corpus* de relevância para a sociedade brasileira. Ademais, ao mostrarmos que existem estratégias discursivas que manejam a ideologia, entendemos que a manutenção de discursos falaciosos através da linguagem pode legitimar ideologias perigosas, como a que se abateu sobre o Brasil de 2019 até 2022.

Convém, no entanto, esclarecer que pretendemos aprofundar a pesquisa com a finalidade de elucidar eventuais questões que se ainda se possam esclarecer.

---

<sup>22</sup> Refiro-me ao livro *Os engenheiros do caos*, de Giuliano Da Empoli, que aborda assuntos como *fake news*, teoria da conspiração, algoritmos, disseminação de ódio e medo com finalidade de interferência nas eleições. EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante... [et al]. São Paulo: Contexto, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BAKHTINE, Michail. (V.N. Volochinov). **Le marxismo et la philosophie du langage**: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris, Les Editions de Minuit, 1977.
- BRASIL, Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. **Transcrição literal das notas taquigráficas da 24ª. reunião da depoente Osmar Terra**. 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10051>. Acesso em 8 de jan. de 2023.
- BRASIL, Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. **Transcrição literal das notas taquigráficas da 14ª. reunião da depoente Nise H. Yamaguchi**. 2021. Disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10018>. Acesso em 8 de jan. de 2023.
- BRASIL, Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. **Transcrição literal das notas taquigráficas da 15ª. reunião da depoente Luana Araújo**. 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10022>. Acesso em: 21 maio 2022.
- BRASIL, Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. **Transcrição literal das notas taquigráficas da 19ª. reunião que ouviu a convidada Natália Pasternak**. 2021. Disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10033>. Acesso em :21 maio 2022.
- BRASIL, Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. **Relatório final**. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/27/cpi-da-pandemia-entrega-relatorio-final-ao-presidente-rodri-go-pacheco>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro. Record. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coordenação de equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing discourse**: textual analysis for social research. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**: the critical study of language. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.
- MAGALHÃES, Célia Maria (org). 2001. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG: DELTA, 2005, p. 313-321.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Les termes clés de l'analyse du discours**. Paris, Editions du Seuil, 1996.
- VAN DIJK, Teun. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução de Adail Sobral *et al*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.

VAN DIJK, Teun A. van. **Discourse and Power**. New York, 2008.

VAN DIJK, Teun **El discurso como interacción social**: estudios del discurso: introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000. v. 2.

VAN DIJK, Teun **Society and discourse**: how social context influence text and talk. Cambridge University Press, 2009.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**: Lemd, Tubarão, v. 4, n. esp, p.223-243, 2004.

## **O/A(S) AUTOR(ES/AS)**

### **Leonardo Ferreira da Silva**

Graduado em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: [leonardohasadream@gmail.com](mailto:leonardohasadream@gmail.com)

### **Vicentina Ramires**

Professora Titular do Departamento de Letras da UFRPE. Doutorado e Pós-doutorado em Linguística. E-mail: [vicentinaramires@gmail.com](mailto:vicentinaramires@gmail.com)